

A TRADUÇÃO
ENTRE
IDIOMATISMOS
E ORALIDADE:
LA ROBA DE
GIOVANNI
VERGA NAS
TRADUÇÕES EM
PORTUGUÊS E
EM INGLÊS
Gaspere Trapani

Mestrando em Estudos Portugueses e Italianos

Línguas e Culturas

Traduzir não é uma actividade mecânica e imediata, tem riscos. E ainda mais no caso de uma tradução literária. A tradução, de facto, funciona na língua de chegada como o original na língua de partida. O tradutor é, portanto, o primeiro intérprete do texto e essa tarefa implica uma grande responsabilidade em compreender o génio e a arte do autor, exprimindo-a como num original. O tradutor deve, por conseguinte, conhecer o contexto e a cultura na qual se insere o autor traduzido, mantendo o espírito que torna um autor diferente de um outro.

Daqui o problema da estratégia tradutória, seja a nível sintáctico seja a nível lexical. Como traduzir algumas categorias sintácticas presentes na língua de partida e ausentes, em contrapartida, na língua de chegada? E como alcançar, a nível lexical, efeitos expressivos particulares?

E é esse último aspecto o tema principal desse estudo descritivo. Com base na novela *La Roba* de Giovanni Verga serão aqui analisadas as traduções *Property*, em inglês, pelo célebre escritor David Herbert Lawrence e *Os Bens*, em português, por Santino Siragusa.

Não se pretende aqui emitir um juízo sobre os dois tradutores mas sim ver as opções que eles fazem, nessa difícil tarefa de traduzir um texto rico em idiomatismos e oralidade como o de Verga.

O SISTEMA DE PARTIDA

Giovanni Verga e o *Verismo* italiano. Filho duma família de proprietários de terras, a história da vida de Giovanni Verga é uma das muitas, comuns no Sul da Itália, de quem nascido em Catânia, na costa oriental da Sicília, em 1840, deambula ao longo da península, regressando, na velhice, à sua cidade natal, onde morre em 1922.

Passa a sua infância e juventude nesta extrema ponta meridional da Itália. Aos 25 anos Verga decide deixar a Catânia e ir para Florença, naquela altura capital italiana. Mas é em Milão que o escritor publica as primeiras obras, estreado-se com romances sentimentais e mundanos, que ainda se ressentem do melodramatismo tipicamente romântico.

Por volta dos 40 anos, iluminado pelo pensamento crítico do amigo e conterrâneo Luigi Capuana¹, que lhe faz conhecer o Movimento Realista francês, dedica-se à pintura da vida, dos sentimentos, da paisagem e da gente da sua Sicília natal.

¹ Luigi Capuana (1839-1915) também ele da Catânia, foi escritor, jornalista, ensaista, crítico teatral e literário. Sequaz dos teóricos do naturalismo francês, nomeadamente de Zola, mas aberto também às influências do psicologismo de Bourget, afirmou a necessidade de realizar um novo romance concebido como «documento humano» contra o idealismo dominante nos últimos séculos. Por essas razões Capuana é considerado o ideólogo do *Verismo* italiano. Com base nessas ideias, escreveu o seu romance mais famoso *Il marchese di Roccaverdina* (1901).

O escritor encontra-se a si próprio e, no espaço de uma década, dá o seu melhor em duas séries de contos *Vita dei Campi*² (1880) e *Novelle Rusticane* (1883) e, depois, com os dois romances *I Malavoglia* (1881) e *Mastro don Gesualdo* (1889).

Ao redor destas obras-primas do autor, define-se o movimento literário do *Verismo*. Da palavra italiana *vero*, verdadeiro, o objectivo principal do *Verismo* é o combate à artificialidade académica e ao convencionalismo sentimental romântico.

Pontos de referência para o novo movimento literário são Flaubert, Balzac e Zola e, mais geralmente, o Realismo/Naturalismo francês, do qual descende o cânone da objectividade e da frieza científica do narrador. Mas, se o espaço privilegiado de inspiração para os naturalistas franceses é o submundo urbano, o *Verismo* – devido à estrutura principalmente rural da Itália do século XIX – distingue-se pelas suas características regionalistas e rústicas.

O *Verismo*, desta maneira, descreve e representa os costumes populares das várias regiões italianas³, aproximando-se da «verdade» da vida quotidiana dos seus habitantes. É principalmente o choque entre os costumes arcaicos e o mundo novo, que naquela altura começava a aparecer, que os escritores veristas exprimem na própria produção literária.

Na obra de Giovanni Verga – considerado o mais insigne romancista italiano posterior a Alessandro Manzoni – são focadas as lutas e as misérias de pescadores e camponeses sicilianos em dramas rudes no entrecho, e trágicos no desfecho.

Verga e o uso da língua. «Io te lo ripeterò così come l'ho raccolto pei viottoli dei campi, press'a poco colle medesime parole semplici e pittoresche della narrazione popolare...»⁴. Estas palavras do próprio Verga conduzem-nos naquele que constitui a extraordinária novidade da linguagem da produção verguiana. Luigi Capuana, verdadeiro pioneiro do *Verismo*, observa a este propósito:

E la felice intuizione d'artista con cui il Verga colava la lingua comune e il dialetto isolano in un cavo straordinariamente lavorato, come disse d'aver voluto fare lo Zola colla lingua francese e il gergo popolare parigino nell'*Assommoir*, rompeva a un tratto tutte le nostre tradizioni letterarie impastate, anzi che no, di pedanteria, tenaci, più di quello che paia, anche nei meglio disposti verso le utili e necessarie novità e le arditezze ben riuscite.⁵

² Esta colecção inclui, entre as outras, a novela *Cavalleria Rusticana*, que o próprio Verga adaptou em drama. Depois, foi realizada uma ópera, de notável sucesso, com música de Pietro Mascagni, contra quem Giovanni Verga intentou uma acção judicial. Também desta novela existe uma tradução portuguesa por Grazia Maria Saviotti. O título é *Cavalheirismo Rústico* e encontra-se no seguinte volume: G. Saviotti (ed.), *Contos Italianos*, Lisboa, Gleba, 1950.

³ Entre outros, vale a pena lembrar Matilde Serao (1856-1927) autora de romances de ambiente napolitano, Grazia Deledda (1872-1936) cujas narrativas têm como espaço privilegiado a sua Sardenha natal e Salvatore di Giacomo (1862-1934) que, à procura da autenticidade linguística da sua terra, escreve romances em dialecto napolitano.

⁴ G. Verga, *I grandi romanzi e tutte le novelle*, Roma, Newton Compton, 1992, p. 462.

⁵ L. Capuana, *Il Capuana critico*, Bari, Laterza, 1967, p. 85.

Se, de facto, as obras de Verga nascem como documento humano, a linguagem torna-se um recurso desta exigência. Aparece, então, uma expressão linguística que não é bem o dialecto mas uma língua falada – o *erlebede Rede* dos glotólogos alemães – rebelde às formas académicas, que reflecte dramas e paixões do povo siciliano. É a esse respeito que Natalino Sapegno define Verga: «Scrittore antiletterario, non per proposito, ma da natura e per istinto, con scarsa grammatica e anche più scarsi legami con la tradizione altamente intonata della nostra prosa...»⁶

Evidencia-se, assim, uma linguagem que é essencialmente expressão comum da fala popular, por analogia com a diversidade das ideias e sentimentos das classes sociais focadas: uma locução sóbria e intensa, caracterizada por palavras pitorescas, construções sintácticas e lexicais antiletterárias derivadas do dialecto siciliano. Veja-se também o uso das imagens, das comparações, das máximas verbais, aforismos e expressões proverbiais.

Dessa forma, a produção verguiana oferece-nos um extraordinário quadro das múltiplas alterações e expressões que a língua italiana assume nas diferentes comunidades da Sicília na segunda metade do século XIX.

OS TEXTOS DE CHEGADA

Giovanni Verga publica *La Roba* em 1883 numa série de novelas intitulada *Novelle Rusticane*. Representação do motivo económico e materialista, que seduz o homem durante a sua vida para depois abandonar-lo no momento da morte, *La Roba* não designa simplesmente o título dum conto, mas é o *deus ex machina* da acção dos doze contos da colecção.

As duas traduções aqui consideradas, em inglês e português, aparecem cerca de 70 anos depois. Em 1953, o célebre escritor inglês D. H. Lawrence traduz de italiano para inglês algumas novelas verguianas⁷, entre as quais *La Roba* chamada *Property* na série *Little Novels of Sicily* publicada pela Grove Press, New York.

Dois anos depois, aparece, numa colecção de contos de vários autores italianos intitulada *Mestres do Conto Italiano* editada pela Portugália, a tradução portuguesa por Santino Siragusa.

La Roba, Property, Os Bens.⁸ Uma das primeiras questões é o título da novela. Traduzida em inglês como «Property» e em português

⁶ N. Sapegno, *Appunti per un saggio sul Verga*, Bari, Laterza, 1966, p. 232.

⁷ As relações de D. H. Lawrence com a Itália não foram esporádicas. Morou durante muito tempo em várias cidades italianas. A Itália foi também espaço privilegiado de inspiração para algumas obras: *Twilight in Italy* (1916), *Sea and Sardinia* (1921) e *Etruscan Places* (1932).

⁸ Os números de página assinalados entre parênteses referem-se às seguintes edições: G. Verga, «La Roba» in *I grandi romanzi e tutte le novelle*, Roma, Newton Compton, 1992, pp. 598-601 (edição italiana); D. H. Lawrence (ed. e trad.), «Property» in *Little Novels of Sicily*, New York, Grove Press, 1953, pp. 95-106 (edição em língua inglesa); A. Fiorillo (ed.), *Mestres do Conto Italiano*, Lisboa, Portugália, tradução por Santino Siragusa, pp. 27-34 (edição em língua portuguesa).

A tradução entre idiomatismos...

com «Os Bens», a expressão «la roba» é repetida várias vezes ao longo da edição original italiana. É interessante notar, a esse propósito, como os dois tradutores recorreram a diferentes traduções.

Lawrence usa, para além da mais utilizada *property*, *possessions*, *goods* e *stuff*. Muito mais diversificada é a escolha lexical do autor da tradução portuguesa que, por sua vez, traduz *roba* com *bens*, *fortuna*, *propriedades*, *graça de Deus*, *mercadoria*, *haveres*, *terras*, *riqueza*, *terras*, *fartura* e «*disto tudo*».

Os tari. Ao longo do texto, muitas vezes o autor faz referência ao sistema monetário siciliano do tempo. Em especial, frequente é a menção do *tari*, moeda siciliana do valor de 45 centésimos de lira. Santino Siragusa deixa na tradução a forma do original.

D. H. Lawrence, pelo contrário, tenta adaptar a moeda siciliana ao sistema de chegada. Assim, ao longo da narração, 12 tari é traduzido «a dollar», «all good dollar pieces» (p. 100), «half a dollar» (p. 104), enquanto «i tre tari della giornata», é traduzido «his shilling⁹ a day» (p. 99).

As «95 lire» do original, inalteradas na versão portuguesa, tornam-se na inglesa «ninety shillings» (p. 98). A antiga moeda de cobre do Estado Papal, «baiocco», encontra-se traduzida em inglês com «cent» (p. 103) e em português «vintém» (p. 29).

Construções agramaticais derivadas do dialecto. Um dos traços distintivos da linguagem verguiana é a oralidade. O romancista reconstrói ao longo da novela uma língua que pode ser considerada uma italianização do calão siciliano, ou seja, uma expressão que, mesmo sendo italiana, não perde completamente a sua estrutura dialectal.

Exemplificação disto é a pergunta retórica posta no início do texto italiano: «Qui di chi é?» (p. 598): a influência do dialecto siciliano é patente no uso do advérbio de lugar *qui* em vez do demonstrativo *questo*. As soluções propostas pelos tradutores são diferentes. «Quem é o dono disto?» (p. 27) escreve Siragusa operando uma alteração na estrutura da frase e optando pelo demonstrativo precedido pelo substantivo *dono*. Mais significativa é a transformação produzida na versão inglesa: «Whom does the place belong to?» (p. 95). Aqui Lawrence coloca, em vez do advérbio de lugar ou do demonstrativo o substantivo *place*.

A mudança estrutural operada nas perguntas reflecte-se também nas respostas: «Di Mazzarò» (p. 598), «O Mazzarò» (p. 27), «To Mazzaro» (p. 95). Sublinhe-se a propósito do nome do protagonista, como D. H. Lawrence omite o acento na última sílaba.

Escolhas lexicais. Descrevendo Mazzarò, Verga define-o como «omiciattolo» (p. 598), utilizando, portanto, uma forma pejorativo e, ao

mesmo tempo, diminutiva. Siragusa em *Os Bens* por «zé ninguém» (p. 28) enquanto Lawrence precisa de dois adjetivos para exprimir a mesma ideia: «little insignificant fellow» (p. 97).

Muito interessante em relação às escolhas lexicais, operadas pelos tradutores, é o seguinte passo:

Alle mèsse poi i mietitori di Mazzarò sembravano un esercito di soldati, che per mantenere tutta quella gente, col biscotto alla mattina e il pane e l'arancia amara a colazione, e la merenda, e le lasagne all sera, ci volevano dei denari a manate, e le lasagne si scodellavano nelle madie larghe come tinozze. (pp. 599-600).

Confronte-se o original com as traduções:

And then at harvest time Mazzaro's reapers were like an army of soldiers, so that to feed all those folks, with biscotto in the morning and bread and bitter oranges at nine o' clock and at mid-day, and home made macaroni in the evening, it took shoals of money, ad they dished up the ribbon-macaroni in kneading-troughs as big as wash-tubs. (pp. 99-100)

Depois na altura da colheita, os ceifadores de Mazzarò pareciam um exército de soldados; para sustentar toda aquela gente, com o biscoito de manhã, e o pão e a laranjada amarga ao almoço, merenda e lasanhas à noite, servidas nas masseiras tão largas como celhas, era preciso dinheiro às mãos cheias. (p. 30)

Em *Property*, Lawrence substitui dois momentos típicos da vida quotidiana italiana – *colazione*, pequeno almoço, e *merenda* – com referências temporais: «at nine o' clock and at mid-day», ausentes no original.

Aliás, *lasagne*, característica comida italiana, é traduzida para o inglês com «home made macaroni» e «ribbon macaroni». Note-se também o uso do plural «bitter oranges», em vez do singular do original e a presença de duas palavras compostas «kneading-troughs» e «wash-tubs».

Marcada por uma maior pontuação – por exigências de *rationalisation*, diria Antoine Berman¹⁰, a tradução mantém inalterada a maior parte dos elementos. Além de «almoço», em vez de pequeno almoço, e «laranjada», em lugar da tradução literal laranja, uma dúvida é sobre a tradução de «tinozze» – em português *selhas*, *tinhas* – como «celhas».

Digna de atenção é, também, a expressão «denari a manate», dinheiro em abundância, que mantém em português a sua imagem perdendo, em contrapartida, em inglês a caracterização física «shoals of money».

Relativamente às opções lexicais, vale a pena reparar mais em algumas escolhas. Modificados aparecem os nomes das localidades-cenário da novela: Francofonte, Passaneto e Passanitello tornam-se na tradução portuguesa: Francoforte, Passaneto e Passinatello. Parecida é a tradução inglesa: Francoforte, Passaneto e Passinatello.

⁹ Vigésima parte da libra.

¹⁰ A. Berman, «La traduction comme épreuve de l'étranger», in *Revue de Critique et de Théorie littéraire*, 4, 1985, p. 71.

Às vezes é possível observar altrações ou omissões de palavras. No texto original Verga escreve: «la febbre dal batticuore o dalla malaria» (p. 600). A palavra «batticuore» indica, em italiano, um estado da alma que é conjunto de palpitação, ânsia e aflição. Siragusa omite a tradução do termo, traduzindo simplesmente «febre da malária» (p. 31), Lawrence altera o significado: «ague and malaria» (p. 101).

A mesma alteração de significado é possível encontrá-la na expressão «fischio del pastore» (p. 599) – assobio do pastor – traduzida em inglês «the shepherd's pipe» (p. 96) e em português «sibilo do paesants» (p. 28).

A palavra italiana «mezzadri» (p. 601) – traduzida por Siragusa «lavradores» (p. 33) – encontra-se exprimida em inglês: «half-profits paesants» (p. 104).

Sempre na versão inglesa é interessante notar como o autor, traduzindo a palavra italiana *campagna*, recorre a «countryside» (p. 96 e 99) salvo num passo em que deixa a forma italiana: «the immense campagna» (p. 95).

Expressões comuns da fala popular. Uma das características fundamentais da linguagem verguiana é, de facto, a presença, ao longo do texto, de uma grande quantidade de expressões da oralidade, derivadas do calão popular: provérbios, aforismos, máximas verbais, ditos e comparações. *La Roba* oferece-nos uma multiforme variedade destes idiomatismos. Considere-se, por exemplo, este trecho do original e as duas traduções:

Invece egli era un omiciattolo, diceva il lettighiere, che non gli avreste dato un baiocco, a vederlo; e di grasso non aveva altro che la pancia, e non si sapeva come facesse a riempirla, perché non mangiava altro che due soldi di pane; e sì ch'era ricco come un maiale; ma aveva la testa ch'era un brillante, quell'uomo. (p. 599).

.....ao contrário, era um zé ninguém, dizia o litereiro, que se o vissem não lhe dariam um chavo. De gordo só tinha a barriga, e não se percebia como conseguia enchê-la, ele que no comer gastava quando muito dois vinténs de pão. Pode dizer-se que aquele homem tinha tanto de riqueza, como de astúcia e sagacidade (p. 28).

Whereas he was an insignificant little fellow, said he litter-driver, and you wouldn't have thought he was worth a farthing, to look at him, with no fat on him except his paunch, and it was a marvel however he filled that in, for he never ate anything more than a penn'orth of bread, for all that he was rich as a pig, but he had a head on his shoulders that was keen as a diamond, that man had. (p. 97).

Além duma diferente pontuação na versão portuguesa – dividida em três períodos – em um visível alongamento da inglesa, é possível notar como este trecho apresenta um rico idiomatismo. Se as expressões «che non gli avreste dato un baiocco» e «non mangiava altro che due soldi di pane» são dadas com traduções análogas nas duas línguas de chegada, diferentes são as opções dos tradutores relativamente às duas máximas finais: «ricco come un maiale» e «aveva la testa che era un brillante, quell'uomo».

Lawrence em *Property* mantém a riqueza icónica do original, juntando alguns pormenores explicativos: «a head oh his shoulders» e «keen¹¹ as a diamond». A oralidade da linguagem perde-se em *Os Bens* em que Siragusa reduz as duas máximas a três qualidades: *riqueza*¹², *astúcia* e *sagacidade*. Mas adiante, a mesma expressão «testa che era un brillante» (p. 601) é traduzida com «o seu engenho» (p. 33).

Isto parece uma prática comum na versão portuguesa: «magazzini grandi come chiese» (p. 600), é traduzido simplesmente «armazéns» (p. 31), deixando de compará-los com a grandeza das igrejas. Veja-se também a frase: «prendere pel collo Mazzarò» (p. 601). Lawrence traduz com o idiomatismo inglês: «take Mazzaro by the throat» (p. 103), substituindo *collo*, pescoço por *throat*, garganta. Mais uma vez Siragusa elimina o idiomatismo: «tentasse ameaçar Mazzarò» (p. 33).

CONCLUSÕES

Publicadas no decurso de dois anos, as duas traduções apresentam, em muitos casos, soluções diferentes. Partindo do pressuposto que *La Roba*, sob o ponto de vista linguístico, é uma sobreposição de elementos lexicais e sintáticos *derivados* da oralidade da língua italiana e do dialecto siciliano, o problema maior para os tradutores é a manutenção desta riqueza expressiva.

Um dos riscos é, portanto, a perda do idiomatismo típico da fala popular, que, muitas vezes, não tem correspondência no sistema de chegada.

A tradução das máximas verbais ou, mais geralmente, das expressões comuns da fala popular, não depende simplesmente do tradutor, mas implica uma aceitação da comunidade da cultura de chegada.

Em *Property* D. H. Lawrence, graças também à sua experiência de escritor, tenta manter, quanto mais possível, imagens e expressões da oralidade do original, juntando, nalguns casos, pormenores explicativos. Veja-se o trecho seguinte: «Ed anche la roba era fatta per lui, che pareva ci avesse la calamita...» (p. 600). Na sua tradução Lawrence escreve: «And property was made for him. It really seemed as if he had a magnet for it...» (p. 101).

¹¹ Mais adiante na mesma expressão, Lawrence utiliza em vez de «keen» «sharp as a diamone» (p. 103).

¹² É interessante assinalar que «ricco come maiale» se encontra também na novela de Verga *Cavalleria Rusticana*. Na tradução, a anteriormente referida tradutora, Grazia Maria Saviotti, opta por uma solução diferente da do colega, mantendo a comparação: «rico como um porco» em G. Saviotti (ed.), *Op. cit.*, p. 34.

Verifica-se, neste caso, o que Berman chama *clarification* e *allongement*: «Certes, la clarification est inhérente à la traduction, dans la mesure où toute traduction comporte une part d'explicitation... Tendanciellement, toute traduction est plus longue que l'originale.»¹³

A atitude de Santino Siragusa é oposta: «A fortuna, pelos vistos, quer estar com quem sabe guardá-la...» (p. 31). A imagem do magnete é, com efeito, omitida e verifica-se um dis casos expostos por Gideon Toury:

Metaphor > Non Metaphor¹⁴

Determinando o que Berman chama *appauvrissement qualitatif*, «remplacement de termes, expressions, tournures, etc. De l'original par des termes, expressions, tournures n'ayant ni leur richesse sonore, ni corrélativement, leur richesse signifiante ou «iconique».¹⁵

Considere-se o passo: «Di donne non aveva mai avuto sulle spalle che sua madre» (p. 599) e as traduções «As for women he'd never had to bother with any one of them save his mother» (p. 99) e «Mulheres a seu cargo só tinha tido sua mãe» (p. 30). Repare-se como neste caso também uma expressão popular é suprida por um verbo, *to bother*, e por uma diferente expressão, *a seu cargo*. Em ambos os casos a riqueza fonética e icónica dispersa-se.

No caso do texto traduzido por Siragusa esta dispersão é frequente. Confronte-se o italiano: «non si faceva sorprendere colle mani nel sacco» (p. 600) com o português «ninguém se deixava surpreender a roubar» (p. 32). A máxima típica da linguagem oral – com as mãos no saco – é substituída explicitando o seu significado prático.

Outras vezes este *appauvrissement qualitatif* é acompanhado por um *appauvrissement quantitativo*, ou seja de dispersão lexical: «foglie larghe ed alte come un fanciullo (p. 599) é traduzido em *Os bens* «folhas altas e largas» (p. 29) em que a comparação – como um menino – não é mencionada.

BIBLIOGRAFIA

- VERGA Giovanni, «La Roba» in *I grandi romanzi e tutte le novelle*, Roma, Newton Compton, 1992, pp. 598-601.
- LAWRENCE D.H. (ed. e trad.), «Property» in *Little Novels of Sicily*, New York, Grove Press, 1953, pp. 95-106
- FIORILLO A., (ed.), *Mestres do Conto Italiano*, Lisboa, Portugalia, tradução por Santino Siragusa, pp. 27-34.
- BERMAN Antoine, «La traduction comme épreuve de l'étranger», in *Revue de Critique et de Théorie littéraire*, 4, 1985.
- CAPUANA Luigi, *Il Capuana critico*, Bari, Laterza, 1967, p. 85.
- SAPEGNO, Natalino, *Appunti per un saggio sul Verga*, Bari, Laterza, 1966, p. 232.
- TOURY, Gideon, «A Rationale for Descriptive Translation Studies» in *Dispositivo*, Vol VII, N. 19-20.

¹³ A. Berman, *Op. cit.*, pp. 72-73.

¹⁴ G. Toury: «A Rationale for Descriptive Translation Studies» in *Dispositivo*, Vol VII, N. 19-20, p. 31.

¹⁵ A. Berman, *Op. cit.*, p. 74.